

OS CONTOS DE FADAS PREFERIDOS DOS LEITORES MIRINS DE UMA ESCOLA DE SÉRIES INICIAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE

CAROLINE SANCHEZ MASSUIA (FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA).

Resumo

Os contos de fadas são histórias que surgiram da tradição oral, antes mesmo da escrita, seus temas são diversos e tratam de questões universais que fazem parte da tradição de muitos povos e continuam sendo atuais. Além disso, exemplificam textos que são oferecidos às crianças em vários momentos de suas vidas, da infância à vida adulta, permitindo a criação de novos mundos em torno e a partir de tais textos. A escola é o local onde o aluno terá contato com eles. No entanto, pesquisas revelam o pouco uso de textos literários nas séries iniciais. Os professores deveriam apresentar aos seus alunos a versão original dos contos de fadas, pois eles podem auxiliar na formação do leitor crítico. Quando a criança tem acesso a esse tipo de texto em sua versão original, seus medos e anseios se amenizam e ela poderá se desenvolver melhor emocionalmente. O principal objetivo desta pesquisa é saber quais os contos de fadas os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental conhecem e quais são seus preferidos e a seguir, verificar que versões desses contos estão disponíveis na biblioteca da escola – meio de circulação de livros. Além disso foi possível levantar as diferenças e semelhanças dos contos disponíveis na escola, confrontando os contos originais e as diferentes versões adaptadas, separando-as em versões adaptadas interessantes e equivocadas. Dessa forma foi possível verificar um pouco do perfil do leitor em formação.

Palavras-chave:

Contos de fadas, Conto original, Adaptação.

1- INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente projeto de iniciação científica foi realizado durante o ano de 2008 sob orientação da Profª. Drª Renata Junqueira de Souza, sendo também financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

A escolha pelos contos de fadas deve-se ao conteúdo simbólico que eles trazem em suas histórias, ajudando no desenvolvimento da criança. Segundo Bruno Bettelheim (2002), a criança necessita "se entender" neste mundo "desconcertante" e dar sentido a seus sentimentos, precisando de uma educação moral que mostre as vantagens de um comportamento correto, mas que a conduza de maneira sutil.

Nos contos de fadas as crianças encontram explicações para seus sentimentos e exemplos significativos de comportamento moral. Nessas histórias o bem e o mal são bem divididos, as princesas e os príncipes representam a virtude e, o mal, muitas vezes, é representado pela bruxa ou pela madrasta. Claro está que a criança entende que nem sempre é boa, mas aprende que a maldade não compensa ao se deparar com o castigo do malfeitor no fim da história.

Segundo Bettelheim (2002), todas as pessoas buscam um sentido para suas vidas, uma busca que começa na infância e vai se desenvolvendo junto à racionalidade da criança que, ao chegar à idade adulta, provavelmente já terá conseguido encontrar

o sentido (significado) de sua vida. Muitas vezes ela precisa de ajuda para continuar sua busca, encontrando na leitura o benefício de que necessita. O problema é que alguns livros infantis contêm histórias superficiais, que não contribuem em nada para o desenvolvimento infantil.

Muitas vezes os contos de fadas são confundidos com contos maravilhosos e, para esclarecer a diferença entre os dois, Coelho (2003) explica que os primeiros giram em torno de uma problemática espiritual, ética e existencial, tudo isso ligado à realização interior por meio do amor. Já os contos maravilhosos têm como eixo gerador a satisfação do corpo e a realização econômica (problemática material-social-sensorial).

Quando falamos nos clássicos infantis, é recorrente mencionar os contos de fadas ou contos maravilhosos de Charles Perrault, dos irmãos Grimm, ou algumas das histórias de Hans Christian Andersen. Entretanto, esquecemos que eles não são os verdadeiros autores dessas narrativas, mas escritores do século XVII que, interessados pela literatura folclórica de seus países, reuniram e registraram essas histórias em livros que foram difundidos pelo mundo.

Alguns estudiosos têm a preocupação de descobrir como essa literatura chegou até nós, especialmente, como ela resistiu desde o primeiro momento em que foi transmitida oralmente até o surgimento de uma forma de registro - a escrita - que facilitou sua permanência na memória de muitos. Eles levantaram hipóteses e, através da leitura de documentos escritos na antiguidade, perceberam certa ligação dessas histórias com alguns rituais antigos.

Os contos de fadas foram escritos por artistas do povo (anônimos) e se difundiram oralmente, não são obras de um único autor: detalhes eram acrescentados ou suprimidos e, durante séculos, eles permaneceram vivos apenas pela tradição oral (contadas de geração para geração). Alguns autores como Propp (1984) e (2002) ainda acreditam que eles possuem ligações com ritos sagrados, que marcam a passagem de uma idade para outra, ou de um estado para outro.

Algumas análises, como a de Bettelheim (2002), indicam que é possível perceber a presença de metáforas relacionadas, por exemplo, à puberdade e o início da vida sexual; em quase todos os textos observa-se a presença da afirmação individual da personagem principal, que se dá pela superação de obstáculos e, como consequência, a obtenção de um papel na sociedade (no caso de algumas personagens femininas, isso se dá por meio do casamento e do "felizes para sempre").

O problema de todas essas adaptações e traduções é que, atualmente, as crianças só têm acesso aos contos adaptados, cujo conteúdo muitas vezes apresenta distorções, é diferente do texto original, impedindo assim que saibam da existência de uma história original, que normalmente possui mais ação e aventura e que retrata uma época diferente da que ela vive.

Amorim (2005) aponta que essas adaptações impedem que sejam trabalhados com as crianças vários conteúdos relevantes da história, que foram retirados para que a história ficasse mais "leve" ou para não "assustar" o leitor mirim. Muitos professores consideram fatos como abandono, diferenças sociais, fome e morte (que estão presentes nos contos originais) "fortes" demais para as crianças.

Alguns autores postulam que o conto de fadas é um texto importante para se trabalhar na escola, já que para crianças e jovens a literatura "atua de maneira

mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização." (COELHO, 2003: 123)

Coelho (2003) acredita que a literatura atua sobre os pequenos leitores de maneira lúdica, fácil e subliminar, fazendo-os questionar o mundo ao seu redor e dando-lhes alternativas de como interagir com ele. Busca também relacionar os contos de fadas com a educação, tornando-os um "auxiliar na formação das novas gerações". Segundo a autora, é importante estudar uma maneira de a literatura infantil desempenhar esse papel, pois no início do século XX, a sociedade viveu uma crise que atingiu a educação. A mudança foi muito profunda, envolvendo uma mudança da visão de mundo e de paradigmas e, por essa razão, é necessário que a educação tenha nesses textos um aliado para lidar com tais mudanças.

2- OBJETIVOS

Diante disso, o objetivo geral do trabalho consiste em verificar as preferências dos alunos de séries iniciais de uma escola do município de Presidente Prudente em relação aos contos de fadas.

Como objetivos específicos, pretende-se fazer o levantamento dos títulos preferidos pelos alunos por série escolar, verificar na biblioteca da escola quais desses livros estão disponíveis, analisar o enredo das histórias disponíveis a partir das preferências infantis e comparar as diferenças e semelhanças entre essas histórias para, ao final, traçar o perfil de leitor em formação.

3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que os contos de fadas são provenientes de narrativas orais, inventadas pelo povo. Durante séculos elas permaneceram vivas apenas pela tradição oral, surgiram antes mesmo da escrita. Hoje, ao pensar nessas histórias, logo lembramos de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans C. Andersen, mas eles não foram os verdadeiros autores dos contos de fadas, e sim estudiosos de seu tempo que reuniram essas narrativas e as publicaram.

Perrault, francês, publicou e recontou, em 1697, alguns contos que existiam na oralidade e continham uma moral, narrando-os em finos versos ou prosa burilada.

Em 1802, na Alemanha, os irmãos Grimm, com o objetivo de preservar o patrimônio cultural tradicional de seu país e colocá-lo ao alcance de todos, recontaram vários contos em uma linguagem próxima da oralidade, parecida com a dos contadores.

Algumas décadas depois, na Dinamarca, Andersen, chamado de o "pai da literatura infantil", também difundiu alguns contos de fadas, recontando histórias populares e criando outras novas que, embora seguissem os modelos tradicionais, traziam uma marca inconfundível: uma visão poética misturada com melancolia. E a partir de suas obras, outros autores começaram a escrever livros infantis sem uma finalidade didática.

Foi na França, no século XVII, que começou a preocupação com a literatura para crianças e jovens, tendo, alguns livros, sido pioneiros, como: As Fábulas de La Fontaine, Os contos de minha mãe gansa, de Charles Perrault e os Contos de fadas de Fénelon. Essas são obras conhecidas até hoje. Segundo Coelho (1991), essa literatura resulta da valorização da fantasia e da imaginação que se constrói a partir de textos da literatura clássica, ou de narrativas orais do povo. Essa tradição

popularizante redescoberta ou recriada por escritores cultos vem em contraste com a literatura clássica produzida na época.

Hoje os contos de fadas fazem parte da literatura infantil e muitos estudos mostram sua importância para o desenvolvimento das crianças. Segundo Bettelheim (2002), ao castigar o malfeitor e beneficiar o personagem bom, o conto dá um bom exemplo de conduta para a criança em desenvolvimento, que se identifica com o personagem bom, mas ao mesmo tempo, percebe também que o mal existe.

Coelho (2003), para quem os Contos de fadas são verdadeiros auxiliares na formação de mentes, acredita que os contos de fada estão longe de ser superados e que essas histórias precisam ser reconhecidas como nova fonte de conhecimento de vida.

Bruno Bettelheim (2002), em seu livro, "Psicanálise dos contos de fadas", escreve que através dos séculos (ou milênios) os textos sofreram algumas modificações e aos poucos foram se tornando mais refinados, transmitindo significados, manifestos e encobertos, atingindo a mente consciente, a pré-consciente e a inconsciente. Essas histórias tratam de problemas universais e lidam com o ego em germinação, estimulando seu desenvolvimento.

Para o autor, a mensagem que os contos de fadas transmitem ao leitor é que:

"uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida e se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa." (BETTELHEIM, 2002, 14)

Muitas vezes o conto de fadas recebe críticas devido ao seu "final feliz", que parece representar uma vida inteira longe de dificuldades, mas Bonaventure (1992) explica que ele reproduz a luta pela felicidade. Para ela, o final feliz das histórias representa o aprendizado do herói, que passou a reconhecer que a felicidade está na busca de seus objetivos e não simplesmente na chegada, ao alcançar o que deseja. Portanto, o final feliz não é necessariamente um ponto final.

O conto de fadas original possui um conteúdo muito significativo para as crianças, tratando de temas presentes na realidade, e de medos que as crianças possuem, como o do abandono. Algumas vezes as versões originais são apontadas como histórias que tratam de temas muito "fortes", como a morte, o abandono, e a crueldade de madrastas contra enteados.

Mendes (2000) acredita que os contos retratam a época em que foram escritos, quando a miséria e a fome faziam com que os pais abandonassem seus filhos na floresta, ou as mães morriam no parto e os pais se casavam novamente trazendo madrastas para seus filhos. Mostram o fraco vencendo, retratando verdadeiros sonhos do povo de vencer na vida, tornando-se verdadeiramente feliz. Portanto essas histórias trazem consigo conteúdos que ajudam as crianças a pensar em seus medos e anseios.

Segundo Ana M. Machado os contos de fadas são

"uma forma de produção cultural que tem seu próprio sentido, lentamente elaborado pelos diferentes elementos da narrativa, à medida que a história se desenrola e se encaminha para seu final, consolidando seu significado profundo". (MACHADO, 2002, 75).

Para Calvino (1993), a transformação social, com final feliz representa o desejo da população de mudar de vida, ou de trocar de papéis sociais, transmitindo esperança para o povo. No inconsciente coletivo, o príncipe que virou sapo mostra a condição das pessoas pobres que estão fora de sua realidade, podendo um dia restaurar sua condição e fazer justiça.

Calvino (1993) aponta essa como a causa principal de alguns adaptadores mudarem muitas partes da história original, considerando-se mais capazes do que os próprios autores, que criaram as histórias lentamente, sem nenhuma pretensão a não ser divertir as outras pessoas com suas narrativas. E após algum tempo, partes relevantes da história são modificadas, como se observa em João e Maria (escrita por Andersen), em que as crianças, abandonadas na floresta pelos seus pais na versão original, em algumas adaptações perdem-se por serem desobedientes, passando de vítimas a culpados, além de omitirem a parte em que a bruxa é atirada no fogo, acabando com o castigo ao vilão. Ou ainda, na história da Chapeuzinho Vermelho que, embora ninguém acredite que o lobo fale com a menina nem que a avó seja tirada viva da barriga do animal, todos aceitam os fatos para que a história prossiga.

Considerando esses fatores pode-se perceber que os contos de fadas originais não são uma leitura ultrapassada e que, apesar de retratarem a realidade de sua época, mostram medos, anseios e desejos dos seres humanos em geral, de qualquer época e lugar, passam para o leitor um sentimento de esperança de dias melhores ou de um dia ser beneficiado com um "golpe de sorte".

Levar a leitura para a sala de aula significa desenvolver o raciocínio e despertar o interesse das crianças, objetivos de qualquer educador. Quando a leitura é apresentada de forma dinâmica, com atenção, carinho e força de vontade, pode-se notar que o interesse por ela torna-se muito maior. Há na verdade uma transmissão de sentimentos do adulto para a criança e vice-versa. Essa transmissão de saber e sentimento acontece de acordo com o compromisso que existe entre o professor e o aluno, não sendo possível nenhuma atividade se não for com a colaboração de ambos. O professor não deve ser mero transmissor da história, mas um contador, que transmita a emoção e os sentimentos nela presentes, narrando-a de forma a conquistar o seu ouvinte.

Ao introduzir os contos de fadas na sala de aula do Ensino Fundamental o professor vai ao encontro do interesse do aluno dessa idade. Betty Coelho (2002) explica esses interesses por faixa etária e divide-os em duas fases:

- Pré-Escolar: o livro deve conter enredo simples, vivo e atraente, com situações que se aproximem do cotidiano da criança (animais, brinquedos, vivência afetiva...). Este período divide-se em duas fases: *Pré-mágica* (até 3 anos), quando a criança gosta de histórias de repetição e ritmo; *Fase Mágica* (até 7 anos), em que a criança solicita que as histórias sejam contadas mais de uma vez, sua imaginação torna-se criadora, e ela gosta de histórias com animais domésticos, circo, zoológico, alimentos, flores, nuvens e festas;

- Escolar: fase em que as crianças gostam de histórias do período anterior, de encantamento, contos de fadas com enredo mais elaborado. Aqui, os leitores já começam a demonstrar um senso crítico.

4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para estudar a preferência dos contos de fadas em séries iniciais, optamos pela abordagem *qualitativa na "organização conceptual"* da metodologia da pesquisa, com o objetivo de investigar não só preferências, mas também se aos alunos estão sendo apresentadas a versão original ou adaptações desses textos. Bogdan e Biklen (in: Ludke, 1986) apontam como características básicas da *pesquisa qualitativa*: o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que estão sendo investigados e a riqueza do material obtido com as descrições de pessoas, situações e acontecimentos.

Na coleta de dados, utilizamos dois dos instrumentos da *pesquisa qualitativa*: o questionário e a análise documental. O questionário continha perguntas sobre interesse de leitura, conto de fadas, acesso a livros infantis e a mediação do cinema e televisão possibilitou um contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa - alunos das séries iniciais. Foi composto de 16 questões, sendo os itens 1 e 2 referentes a informações sobre o aluno. Os momentos de aplicação dos questionários foram agendados com as professoras das 04 (quatro) salas de aula, uma classe de cada uma das séries iniciais. O pesquisador optou por explicar a pesquisa antes da aplicação do questionário. Todas as questões foram lidas e explicadas detalhadamente antes que os alunos as respondessem. Com as turmas do primeiro ciclo das séries iniciais fizemos diferente: pelo fato de muitos alunos terem dificuldade na escrita, o pesquisador serviu de escriba para eles. Assim, as respostas foram escritas, e aquelas em que os alunos tiveram dificuldade para responder, foram explicadas novamente.

Após a aplicação dos questionários foram realizadas algumas visitas à biblioteca da escola, onde foram levantados todos os títulos que a escola possuía dos contos de fadas. Dentre os títulos foram escolhidos três histórias, que as crianças emprestavam com frequência, em três versões distintas a original, a de boa adaptação e a de adaptação equivocada. Essas versões foram analisadas e comparadas para verificar as diferenças existentes.

Feita a leitura dos livros pudemos partir para a análise preliminar das histórias infantis e, posteriormente, comparar diferenças e semelhanças entre os originais e as adaptações. A seguir, daremos prosseguimento à tabulação dos dados dos questionários, suas análises, os levantamentos dos títulos e a análise de algumas histórias.

5- CONCLUSÃO

Os contos de fadas são histórias que permaneceram presentes na cultura durante séculos e elas sofreram várias modificações algumas, chegaram até a "mutilar" o seu texto. Atualmente vivemos um momento de resgate dessas narrativas originais, quando várias editoras estão traduzindo-as e publicando-as para que os leitores tenham contato com a verdadeira história que conquistou tantas pessoas durante séculos.

O resgate das narrativas originais possibilita que o pequeno leitor seja transportado para reinos distantes, lugares onde os animais falavam, onde bruxas más encantavam príncipes e onde havia princesas com tamanha beleza. Além disso, por

meio do conto de fadas, o leitor pode identificar-se com algum personagem ou situação, passando a entender seus sentimentos inconscientes.

Sabe-se que esses textos são leituras muito interessantes para se apresentar às crianças, e para que tenham contato com tais histórias é preciso o estímulo de adultos, seja de pais parentes ou professores, os quais desempenham um importante papel na formação de leitores.

Na análise dos questionários percebe-se que as crianças gostam dos contos de fadas, mas a grande maioria não os lê, mesmo quando visitam semanalmente a biblioteca escolar.

Observando-se as tabelas, percebe-se ainda que à medida que a criança cresce, o professor deixa de trabalhar com esse gênero, revelando que essas histórias ainda sofrem preconceito, sendo consideradas "histórias para criancinhas", levando a criança também a acreditar que os contos de fadas não são mais adequados para sua idade, já que o próprio professor não incentiva a sua leitura.

Ao analisar o gosto infantil, é fácil perceber a forte influência da mídia, pois muitas vezes o conto citado como o preferido está entre os que foram adaptados para a televisão ou para o cinema.

A biblioteca da escola onde foi realizada a pesquisa possui poucos livros de contos de fadas, e grande parte deles é composta de adaptações que não contribuem muito para o desenvolvimento infantil.

Considerando que as crianças gostam delas, é preciso que essas histórias sejam resgatadas nas escolas, e que os professores passem a contá-las com entusiasmo, planejamento e paixão para, assim, encantarem também seus alunos, que precisam de encantamento e magia em sua vida. Para isso é necessário ressaltar que as histórias apresentadas devem ser as originais, pois dessa forma seus símbolos e sua linguagem atuarão na mente infantil, enriquecendo suas experiências.

Bettelheim (2002) salienta que, ao apresentar histórias de fadas para crianças, há uma maior aproximação afetiva, pois ao narrá-las, o adulto entra no jogo infantil, e deixa que a criança entenda o conto como lhe for possível. Dessa forma, acontece a emancipação da criança, que pode compreender a história à sua maneira, entendendo os símbolos como lhe for mais significativo, aprendendo assim a refletir autonomamente sobre a história.

De acordo com sua maturidade a criança poderá analisar o comportamento da personagem e reconhecer essas atitudes nas pessoas, ou então, considerar a história uma completa mentira; mas no fundo, ela sabe que apesar de todos os seus pensamentos e sentimentos poderá ter um "final feliz".

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Lauro Maia. Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade. In: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: Unesp, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. Psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

COELHO, Betty. Contar História Uma Arte Sem Idade. São Paulo: Ática. 2002.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. São Paulo: Ática, 1991a.

_____. Panorama histórico da literatura infantil juvenil. São Paulo: Ática, 1991b.

_____. O Conto de Fadas símbolos, mitos e arquétipos: Difusão Cultural do Livro, São Paulo: 2003.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, São Paulo: EPU, 1986

MENDES, Mariza B. T. Em Busca dos Contos Perdidos, O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto maravilhoso. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PROPP, Vladimir, As Raízes do Conto Maravilhoso, tradução: Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2002.